



O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E SUA NARRATIVA NO DISCURSO CINEMATOGRAFICO

Bruna Joanna Menegazzo da Silva ¹

Tania Mara Zancanaro Pieczkowski ²

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), vem ganhando evidência em vários contextos, tanto no âmbito educacional, clínico, como também no contexto das mídias televisivas, como novelas, séries e filmes. A justificativa para esse destaque, pode estar relacionada ao aumento expressivo de pessoas com esse diagnóstico, e, por ser um transtorno presente em vários núcleos familiares. Dessa forma, o TEA torna-se um assunto de amplo interesse, no sentido de minimizar as incompreensões relativas aos comportamentos e condição de ser dessas pessoas, mas também, de desnaturalizar os rótulos de padronização. A legislação vigente, a partir da publicação de recentes dispositivos que reforçam essa evidência, também caminha no sentido de fortalecer e ampliar os direitos das pessoas caracterizadas com esse Espectro.

A mídia tem sido grande responsável nos últimos anos, em destacar o TEA em seus vários meios de comunicação, e, com isso, vem gerando maior interesse da população pelas informações a respeito do assunto. Destacamos a mídia cinematográfica, quando se utiliza desse tema como centro do enredo de várias obras fílmicas.

Considerando que a indústria do cinema é um meio de produção economicamente lucrativo, com muitos interesses envolvidos, os interesses econômicos e políticos se entrecruzam. Sendo o cinema um meio de grande visibilidade para a população em geral, os discursos construídos e disseminados através dos enredos, exercem grande influência sobre os telespectadores, emitindo discursos que formam opiniões e verdades construídas acerca do que é economicamente ou politicamente interessante.

Este trabalho, que está relacionado à pesquisa para a dissertação de Mestrado em Educação, tem como objetivo compreender como o discurso cinematográfico cria efeitos de verdade acerca do TEA. O problema de pesquisa assim se constitui: Como as pessoas com TEA

¹ Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó - brunaj.menegazzo@yahoo.com.br

² Universidade Comunitária da Região de Chapecó- Unochapecó - taniazp@unochapeco.edu.br

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



são narradas nos discursos cinematográficos e como esses discursos produzem efeitos de verdade acerca desse público?

Sem a pretensão de esgotar quaisquer discussões tecidas acerca dessa temática, por meio deste trabalho, que se ampara na etnografia de tela para a geração das materialidades empíricas, realiza a análise do discurso, na perspectiva foucaultiana de três (3) filmes, que apresentam a temática do autismo como centro do enredo.

Nessa construção, Revel (2011, p. 41) evidencia que, discurso, segundo a obra de Foucault é definido por “[...] um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns”. Rial (2004, p. 27) complementa dizendo que: “As etnografias de tela e as análises de discurso são duas abordagens teóricas da mídia das mais utilizadas atualmente por antropólogos, pesquisadores do campo dos estudos culturais, da literatura e de outras áreas afins”.

Nesse sentido, Balestrin e Soares (2014, p. 91) destacam o termo etnografia de tela, designado como: “[...] uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia”. Esclarecendo que se trata de “[...] procedimentos que são próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo, a observação sistemática, registro em cadernos de campo, etc.”, que são aliados a: “[...] ferramentas próprias da crítica cinematográfica [...]”. Fisher (2001, p. 198) acerca da análise do discurso, esclarece que: “Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas [...]”. Continua dizendo que para Foucault, é preciso ficar ou tentar ficar “[...] simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar”.

Diante disso, este trabalho fará referência ao Autismo, um dos grupos que engloba o TEA. Assim, os termos Autismo e TEA poderão aparecer, concomitantemente, dependendo da terminologia adotada pela literatura consultada. Definir o Autismo em um único conceito é um desafio, considerando a dimensão das formas com que se apresenta e a singularidade de cada indivíduo. Sob uma visão clínica, a publicação do DSM-5 passa a englobar o termo Transtorno do Espectro Autista - TEA subdividindo em três graus (*leve, moderado e severo*), de acordo com os prejuízos enfrentados com deficiência intelectual e linguagem funcional. (APA, 2014).

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



O que está em consonância da Lei 12.764/12, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012).

No campo educacional temos a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) e o recente Decreto 10.502/20, ora suspenso, (BRASIL, 2020). Esses documentos entendem a pessoa com transtornos globais do desenvolvimento, aqueles que apresentam alterações nas interações sociais, na comunicação, e que demonstram um repertório restrito de interesses e atividades, de forma estereotipada e repetitiva.

A busca pela compreensão do TEA, vem no sentido de entender que é um transtorno que afeta muitas pessoas e famílias. Contudo, ainda há muitas dúvidas envolvendo esse assunto, decorrentes da diversidade que pessoas com TEA apresentam, pois, cada indivíduo é único, o que evidencia a impossibilidade de uma classificação generalizante.

Nesse cenário, a mídia tem sido grande responsável nos últimos anos, em destacar pessoas com TEA em seus vários meios de comunicação e gerando maior interesse da população pelas informações a respeito do assunto. Rios *et al.* (2015, p. 326), no artigo “*Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira*”, adota o termo epidemia, de forma figurada, para evidenciar o aumento das narrativas acerca do tema, quando diz que é possível compreender que “não foi a epidemia que fez o autismo visível, mas a visibilidade do autismo que fez a epidemia”. A exemplo, tanto na mídia impressa quanto na audiovisual, o tema do TEA está cada vez mais presente, nos personagens de livros, seriados, na dramaturgia, em filmes, entre outros meios de telecomunicação (RIOS *et al.*, 2015).

Nesse sentido o cinema aparece como um meio que exerce significativa importância e recentemente vem explorando o contexto do autismo, nas produções cinematográficas. Os destaques que fizemos justifica o interesse em escrever esse trabalho, buscando tecer considerações acerca dos processos de subjetivação da população, a partir da influência do cinema.

Não negamos a importância de difundir e informar a população sobre o assunto, mas pretendemos nesse estudo, tensionar a forma como a mídia fílmica cria efeitos de verdade acerca do tema e subjetiva a população. A mídia exerce um poder formador, pois, é o meio pelo qual inúmeros discursos são construídos e reafirmados para a sociedade, favorecendo a construção de saberes e práticas que geram função normatizadora nos comportamentos sociais. Acerca disso, Fisher (2012, p. 113), diz que pretende tratar “[...] das diferentes formas criadas, reproduzidas, muitas vezes repetidas da mídia de se posicionar como *locus* de educação, de



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



formação, de condução da vida das pessoas”. E prossegue evidenciando que “[...] a mídia não apenas veicula. Ela, sobretudo, constrói discursos e produz significados e sujeitos. Essa formulação fundamenta-se na articulação dos conceitos de poder, saber e sujeito feita por Michel Foucault”.

Nessa teia, as construções de verdade se tornam salientes, ao que Foucault (2019, p. 52), disse: “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”. E continua dizendo que cada sociedade tem seu regime de verdade e “[...] os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; [...]” (FOUCAULT, 2019, p. 52).

Diante dessa construção, fica evidente que as produções midiáticas desenvolvem uma espécie de poder sobre seu público consumidor de cinema, quando usam da articulação de discursos, nesse caso, a respeito das pessoas com TEA, em que disseminam verdades construídas através de informações que gerem maior visibilidade, articulando saberes a favor de suas produções. No cinema sobre as pessoas com TEA, isso pode ser visualizado quando personagens são construídos com uma visão romantizada, na intenção de sensibilizar o público criando uma espécie de falsa visão acerca do tema, pois, por vezes, essas produções mascaram realidades vividas, que são de difícil enfrentamento, pelas pessoas com o transtorno e as pessoas da sua convivência.

Tomando os resultados parciais do estudo em andamento, é possível destacar a partir da análise dos três filmes selecionados por critérios pré-estabelecidos, que se basearam em unidades de sentido extraídas das obras, *Mary e Max: uma amizade diferente* (2009), *Tão forte e tão perto* (2011) e *Farol das orcas* (2016), que os elementos mais importantes destacados pela mídia, se relacionam ao lado genial das pessoas com TEA, e estas características são utilizadas de forma genérica e sensacionalista, gerando uma falsa impressão ao público telespectador.

As pessoas com autismo, de maneira geral são mostradas como alguém exótico nas narrativas fílmicas, em que são destacadas habilidades, mascarando suas maiores dificuldades. Isso pode gerar a sensação de que estas dificuldades, como por exemplo, o hiperfoco ou os interesses restritos que são apresentados por algumas pessoas com TEA, são dificuldades ínfimas se comparadas às habilidades apresentadas.

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



Nessa concepção, nasce um processo de assujeitamento dos indivíduos, quando controlam as verdades ali construídas, produzindo sujeitos que representem uma imagem não condizente com a realidade, generalizando o contexto das pessoas com autismo. Nesse aspecto, cabe destacar Meyer e Paraíso (2014, p. 29) que, baseadas na concepção de Foucault, citam: “que a verdade é uma invenção, uma criação”. E continuam dizendo que “Não existe a ‘verdade’”, mas sim, ‘regimes de verdade’”. Isto é, discursos que funcionam na sociedade como verdadeiros” (MEYER; PARAÍSO, 2014, p. 29).

Aproximando tais conceitos com o contexto da mídia cinematográfica, temos que, esta se utiliza de verdades que são interessantes para um mercado consumidor, que por meio de imagens romantizadas das pessoas com TEA, criam a falsa ideia de que o transtorno pode por vezes ser “superado”, diante do contexto em que elas são apresentadas ou inseridas nas mídias fílmicas, seja no âmbito familiar ou social, a partir dos cenários construídos em torno delas e que são apresentados ao público telespectador, fixando um perfil não condizente com os contextos reais dessas pessoas, considerando a unicidade das pessoas com TEA. O que demonstra uma “realidade inventada” pela indústria do cinema, haja vista a verdadeira realidade das pessoas que convivem com esse transtorno.

O estudo, ainda em andamento, permite concluir que as produções midiáticas desenvolvem um poder quando usam da articulação de discursos a respeito das pessoas com TEA, disseminando verdades construídas através de informações que geram maior visibilidade, maquiando dados e articulando saberes a favor de suas produções. No cinema, isso pode ser visualizado, quando personagens são construídos com uma visão romantizada, na intenção de sensibilizar o público criando uma espécie de falsa visão, construindo efeitos de verdade acerca das pessoas com TEA, pois, por vezes, essas produções mascaram realidades vividas, que são de difícil enfrentamento, pelas famílias e pelas pessoas com o transtorno.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Discurso cinematográfico. Efeitos de verdade. Etnografia de tela.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5:** manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992p.



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “**Etnografia de tela**”: uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermenn; PARAÍSO, Marlucy Alves. (organizadores). *Metodologias de Pesquisa Pós-Críticas em Educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. (89) - (111).

BRASIL. **Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020**. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 01 out. 2020, seção I, p. 6.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 “Lei Berenice Piana**”. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 28 dez. 2012, seção I, p. 2.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em 24 de abril de 2021.

FAROL das orcas. Direção: Geraldo Olivares. Produção Pampa Films. Madrid: Television Espanola (TVE), 2016. (110 min.).

FISCHER, Rosa. Maria. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, Porto Alegre: UFRGS, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Roberto Machado (org.). 9ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

MARY e max: Uma amizade diferente. Direção: Adam Elliot. Produção: Melanie Coombs. Produção. Austrália: Icon Entertainment International, 2009. (92 min.).

MEYER, Dagmar Estermenn; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de Pesquisa Pós-Críticas em Educação**. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

REVEL, Judith, 1966 - **Dicionário Foucault/Judith Revel**; trad. Anderson Alexandre da Silva; rev. Tec. Michel J. M. Vincent. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIAL, Carmen. **Antropologia e mídia**: breve panorama das teorias de comunicação. Antropologia em primeira mão, Florianópolis: UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2004. ISSN 1677-7174. Disponível em: <https://apm.ufsc.br/files/2015/05/74.-carmen-midia.doc>. Acesso em: 16 de nov. 2019.



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



RIOS, Clarice; ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. **Da invisibilidade à epidemia:** a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. *Interface (Botucatu)*. 2015; 19(53):325-35.

TÃO FORTE e tão perto. Direção: Stephen Daldry. Produção: Paramount e Scott Rudin Productions. Estados Unidos da América: Warner Bros, 2011. (129 min.).

REALIZAÇÃO



PARCERIA

Curso de
Pedagogia



Programa de
Pós-Graduação
em Educação

